O SISTEMA VOCÁLICO DO GUINEENSE MODERNO

Priscila Matos Costa [1], Shirley Freitas Sousa [2]

RESUMO

A Guiné-Bissau é um país situado na África ocidental, segundo o censo de 2017, sua população multicultural e multilíngue é de cerca de um milhão e oitocentos mil habitantes, que compartilham entre si cerca de vinte línguas étnicas ou autóctones, o *kriol* (também chamado de guineense) como língua nacional e o português como língua oficial. Imerso neste cenário multilinguístico, o presente estudo visa mostrar aspectos fonológicos (precisamente as vogais) do *kriol*, língua que surge através do contato linguístico entre o português e as demais línguas étnicas. Analisando estudos feitos sobre as vogais praticadas no guineense, nota-se a ausência de consenso entre os teóricos, alguns defendem que a língua, assim como o português, possui sete vogais, outros advogam a existência de apenas cinco. Este estudo visa demonstrar o sistema vocálico analisando diretamente as vogais por meio de entrevistas realizadas com cinco guineenses jovens de diferentes etnias que se encontram há pouco tempo no Brasil. Para isso foram feitas pesquisas bibliográficas, leitura de teses e dissertações e buscas no dicionário de Scantamburlo (2002) com a finalidade de verificar os pares mínimos nesta língua e analisar como as vogais se comportam na oralidade. As análises realizadas mostram que, diferentemente da língua portuguesa, o *kriol* possui apenas cinco fonemas vocálicos, não existindo oposições ente o [e] e [ɛ] e [o] e [ɔ]; outro importante achado diz respeito à realização das vogais médias que parecem se dar de forma intermediária entre o [e] e [ɛ] e o [o] e [ɔ]; no que tange as às vogais nasais, a análise mostra que quando posicionadas antes de /n/ e /m/, essas consoantes são realizadas, diferentemente do português. Diante desses resultados chegamos à conclusão de que o *kriol* é uma língua diferente do português, regida por suas próprias regras e realizações fonéticas.

Palavras-chave:

Sistema vocálico. Guineense moderno. Fonemas vocálicos.

[1] UNILAB, IHL - Malês, Discente, e-mail: priscila@aluno.unilab.edu.br
[2] UNILAB, IHL - Malês, Docente, e-mail: shirleyfreitas@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Este projeto discutirá o sistema vocálico do guineense moderno, buscando depreender seus fonemas e alofones orais e nasais. O estudo se justifica na medida em que o guineense é uma língua ainda pouco estudada e as pesquisas muitas vezes são feitas sob o viés do português, tomando por base as regras e estruturas (e inclusive as realizações sonoras) dessa língua. Ademais, o quadro vocálico do guineense não é consenso entre os estudiosos, sobretudo no que tange às vogais médias e às vogais com o traço nasal. Diante disso, com esse estudo, ao estabelecer os fonemas e fones vocálicos, será possível mostrar que o guineense é uma língua independente do português, com suas regras e padrões próprios. O guineense, também chamado de *kriol* pelos seus falantes, é a língua falada por cerca de 80% da população da Guiné-Bissau (seja como língua materna ou língua segunda) conforme dados de Couto & Embaló (2010). A despeito de ser uma língua nacional, sendo a forma de comunicação mais usada no dia a dia dos guineenses e um instrumento de unidade do país, o guineense não goza de grande prestígio: não possui estatuto de língua oficial, tampouco se faz presente nas instâncias governamentais e no ensino – espaços reservados ao português. Dentro da esfera política, as discussões e documentos devem estar em português, contudo em suas campanhas, muitos candidatos recorrem ao uso do guineense a fim de atingir uma audiência mais ampla e, assim, conquistar mais votos. Desse modo, observa-se que, de fato, é o guineense a língua a ser usada quando se deseja ter uma interação maior com a população guineense.

METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, foram realizadas pesquisa bibliográfica e coleta de dados com estudantes guineenses da UNILAB. Referente à leitura de bibliografia, a metodologia utilizada foi o fichamento, o resumo e a releitura feita com análise crítica. Especificamente com os textos voltados para o sistema fonológico, realizei leituras mais atentas, a fim de observar o comportamento do sistema vocálico da língua e identificar possíveis pares mínimos para a análise.

Passando para a fase de coleta de dados, quanto à elaboração dos testes e do formulário do entrevistado, busquei construí-lo de forma natural, aproximando ao máximo de um diálogo casual, a fim de deixar os informantes mais confortáveis e diminuir ao máximo a inibição causada pela presença do gravador. Ademais, a partir dos vocábulos mencionados em Chapouto (2014) e Costa (2014) e confirmando alguns significados no dicionário de Scantamburlo (2002), a seleção das palavras para o teste buscou contemplar a realização de vogais orais e nasais em diversos contextos (sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas), recorrendo a pares mínimos mencionados pelas autoras a fim de confirmar ou refutar o caráter fonológico de alguns segmentos.

No que tange às entrevistas, preparei todo material antes de contactar os alunos e verifiquei se tudo funcionava perfeitamente: os textos, os termos de consentimento livre e esclarecido, o computador, o gravador e as salas disponíveis. Durante as entrevistas, primeiro tive uma conversa informal com os alunos explicando como deveríamos proceder. Primeiramente fiz perguntas mais gerais que diziam respeito ao quadro social, como: nome, idade, região de nascimento, línguas que tinha conhecimento, entre outras. Depois apresentei as palavras contextualizadas em frases, pois a entonação de uma palavra isolada poderia sofrer alterações, portanto foi criado um contexto a fim de escutá-las na conversação.

Para as transcrições, escutei as entrevistas sistematicamente, repetidas vezes, a fim de excluir qualquer possibilidade de dúvida na realização dos sons, consultei o quadro de fonemas para me certificar de que não me equivocaria e usei o programa EXCEL para reunir as transcrições.

Verifiquei durante as entrevistas que nem todas palavras selecionadas serviram, algumas delas não eram utilizadas pelos falantes no contexto previsto, a exemplo de: **siti** ‘azeite’, **seta** ‘aceitar’, **mora** ‘morar’ e **lingron** ‘espécie de marisco’. Neste ponto, as aulas de guineense me ajudaram, pois nelas, pude sanar algumas dúvidas decorrentes das entrevistas efetuadas, bem como sobre a estrutura do sistema vocálico da língua em questão.

Para escrita dos resultados, foram reunidas todas as produções que o trabalho me proporcionou: resenhas críticas, leituras sobre o sistema vocálico, transcrições, análise dos dados e formulei um texto que se encontra na sessão de discussão e resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de cinco alunos do sexo masculino da Guiné-Bissau e um senegalês que vive na Guiné desde os três anos de idade, todos estudantes da UNILAB e recém-chegados ao Brasil. A princípio, a pesquisa ouviria pessoas de ambos os sexos, porém houve uma grande dificuldade em encontrar informantes do sexo feminino dispostas a participar da pesquisa. Tivemos a preocupação de procurar alunos que tivessem pouco tempo em nosso país, principalmente porque quanto maior a permanência aqui, mais eles poderiam receber influência do português brasileiro, porém gravamos com um guineense que já tinha cerca de três anos no Brasil e não notamos diferenças significativas. A escolha dos alunos participantes a princípio foi feita de forma aleatória, sem levar em consideração as diferentes etnias e regiões da Guiné, porém após perceber que essa diferença poderia ser relevante,passamos a observá-la.

Entre os alunos entrevistados, a variação de idade foi de onze anos, em que o mais novo tem 21 (vinte e um anos) e o mais velho tem 32 (trinta e dois anos). Quanto às etnias, alcançamos seis diferentes: mandinga, manjaco, papel, wolof, fula e balanta. Um fato curioso é que entre os participantes, cada um fala ao menos três línguas: uma língua étnica (papel, manjaco, mandinga, balanta), o kriol, que também é chamado de guineense e possui o status de língua nacional, e o português. Alguns deles ainda falam inglês e/ou francês.

Quando questionados sobre quando foi o primeiro contato com a língua portuguesa, embora as idades sejam variadas, todos os guineenses entrevistados alegaram ter contato inicial com o português na escola. Todos afirmam usar mais o *kriol* no dia a dia e além disso, possuem conhecimento passivo (entendem a língua, mas não falam) em alguma outra língua.

Esses dados demonstram que a situação de multilinguismo, característica da Guiné-Bissau, se mantém, e que embora tantas línguas permeiem o mesmo espaço, o *kriol* tem lugar de destaque massivamente, assim como as línguas nacionais dos países em contexto de exploração (colonização), confirmando os dados trazidos por teóricos que estudam as línguas crioulas, como Pratas (2002).

A análise fonológica demonstrou, entre outros aspectos, a renovação da língua *kriol*. Algumas palavras escolhidas a partir do dicionário de Scantamburlo (2002) não foram analisadas, pois os falantes não as conheciam, a exemplo das palavras **mora** ‘morar’, **anciã** ‘pessoa mais idosa da família’, além da palavra **lingron** ‘espécie de marisco’, palavra que era conhecida por todos, porém nenhum dos falantes conhecia o suposto marisco.

Quanto às vogais, objeto principal dessa pesquisa, pudemos notar algumas particularidades: nas vogais orais /a/, /i/ e /u/, não foi possível notar diferenças significativas com relação à pronúncia do português, já nas vogais médias, percebemos que, diferentemente da língua portuguesa, os fones [e] e [ɛ], e [o] e [ɔ] não opõem significado, não podendo ser considerados fonemas. Essa discussão não é consensual entre os linguistas, há os que defendam a existência de sete fonemas, com as realizações de /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/ e /u/, como é o caso de Costa (2014); outros defendem apenas a existência de cinco, como Chapouto (2014).

Ainda segundo Chapouto (2014) na posição tônica, ocorrem as vogais [a], [ɛ], [i], [ɔ] e [u], a exemplo das palavras analisadas na pesquisa ['bakɐ] ‘vaca’, ['bɛlɐ] ‘vela’, ['bikɐ] ‘tipo de peixe’, ['bɔkɐ] ‘boca’ e [djuben'tudi] ‘juventude’. Em posição pré-tônica, manifestam-se todas as vogais que ocorrem em sílaba tônica [fa'ladʊ] ‘falado’, [kombɛr'sa] ‘conversar’, [li'fanti] ‘elefante’, [kɔ'brɐ] ‘cobrar’, [kum'paɲerɐ] ‘companheira’, e ainda, [e] e [o] como em [koɾ'sõ] ‘coração’, [djuben'tudi] ‘juventude’. Em posição pós-tônica, encontram-se apenas, [ɐ], [i] e [u], ['pɔɾtɐ] ‘porta’, [ga'ɾandi] ‘grande’ e ['kɔɾpu] ‘corpo’. A partir da análise, percebemos que há a diferença entre as vogais em posição tônica e pré- e pós-tônica e não há oposição entre as vogais médias. A análise realizada nessa pesquisa trouxe achados que seguem a linha defendida por Chapouto (2014), afinal dentre toda amostra que selecionamos, apenas uma palavra demonstrou tal oposição: [kɔ'brɐ] ‘cobra’/ ['kobrɐ] ‘cobrar’, número pequeno se levarmos em conta todo sistema fonológico do *kriol*. Além disso, nem todos informantes apresentaram esta mesma oposição. O fato de a oposição não ser produtiva, sendo encontrada em apenas um par mínimo (e atingindo apenas a série posterior) lança dúvidas acerca do estatuto fonológico de [ɔ] e [o], sendo possível questionar se essa não seria uma influência do português (que possui tal oposição) ou mesmo das línguas maternas dos falantes. Contudo para confirmarmos essa possibilidade seria necessário estudar o comportamento das vogais nas línguas autóctones.

Quanto às vogais médias, geralmente o que ocorre no guineense é a possibilidade de uma palavra ser

realizada por fones diferentes sem que haja oposição de significado. É o caso, por exemplo, das palavras: ['tʃɔrɐ] / ['tʃorɐ] 'chorar' e [fe'ʀadʊ] / [fɛ'ʀadʊ] 'em frente de', nesses exemplos podemos perceber diferentes fones sem que haja oposição do significado.

Outro destaque da pesquisa diz respeito à oposição ocorrer pelo contexto e não pela realização dos fones. Inicialmente propostos como alguns pares mínimos em que haveria fonemas, em palavras como [kom'bɛrsɐ] 'conversa' / 'conversar'. ['kõntɐ], 'conta' / 'contar', ['belɐ], 'vela' / 'bela', a distinção entre um significado ou outro é dado pelo contexto, não pela realização da vogal.

Outro importante achado ainda diz respeito à realização das vogais médias que parecem estar em uma posição intermediária entre [ɛ] e [e] e [ɔ] e [o], fato que a nossa pesquisa não aprofundou, pois, necessitaríamos recorrer à fonética acústica e a aparelhos de medição das ondas sonoras e este material não está disponível. Além disso, essa análise foge do escopo dessa pesquisa.

No que tange às vogais nasais, a pesquisa apresentou outra diferença do *kriol*, quando comparado ao português brasileiro. Em palavras em que se tem obrigatoriamente uma vogal nasal (nasalização), como, por exemplo, a palavra 'conta', no português fala-se ['kõtɐ], já em guineense fala-se ['kõntɐ] 'conta', há a realização dos dois fones [õ] e [n] diferentemente do português em que o [n] não é realizado. Já nas palavras em que a vogal é seguida por uma consoante nasal na sílaba seguinte (caso de nasalidade), enquanto na língua guineense a vogal nasal não ocorre, a exemplo da palavra 'cama': ['kamɐ] no *kriol*, a vogal que precede a consoante nasal é realizada de forma oral, no português ela sofre certo grau de nasalidade ['kãmɐ].

CONCLUSÕES

Diante desses resultados, chegamos à conclusão de que o *kriol* é uma língua diferente do português, regida por suas próprias regras e realizações fonéticas. Além disso, o *kriol* é a língua escolhida pela população da Guiné-Bissau, exercendo forte influência no português pouco falado no país, e, embora não tenha tanto prestígio quanto o português, está longe de ser abandonada por sua população.

Dentro das análises efetuadas, pode-se afirmar que as vogais na língua guineense se comportam de forma peculiar, embora se admita a existência de sete fones possíveis [a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ] e [u], eles são utilizadas em posições diferentes, não admitindo a existência de pares mínimos entre as vogais médias [o] / [ɔ] e [e] / [ɛ], sendo assim acredita-se que os fonemas vocálicos são cinco /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/. A realização exata das vogais médias (se é realmente algo entre a média-baixa e a média-alta) fica em aberto para estudos posteriores.

Quanto às vogais nasais, a pesquisa mostrou que na língua guineense, também ocorrem vogais com traço nasal, porém há a realização tanto da vogal quanto da consoante nasal, enquanto no português não há a realização da consoante nasal. Já o processo de nasalidade que ocorre no português é ausente no guineense, as vogais seguidas por consoante nasal na sílaba seguinte são realizadas de forma oral, diferente do português.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UNILAB por ofertar o curso de Letras com profissionais qualificados para a pesquisa científica; à FAPESB por financiar esta pesquisa; e a minha orientadora, Shirley Freitas por fomentar o conhecimento cientifico em mim, apontando possíveis caminhos no desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. *Afro-A'sia*, Salvador, n. 19-20, p. 251-254, 1997.

BANDEIRA, Manuele. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CÁ, Virgínia José Baptista. *Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural*: o caso de Guiné-Bissau. Dissertação (Mestrado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. *Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. Dissertação (Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

COSTA, Paula Mendes. *Descrição fonológica do crioulo guineense*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

COUTO , Hildo Honório do & EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. *PAPIA*, Brasília, v. 20, p. 11-253, 2010.

FREITAS, Shirley. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2016.

INCANHA, Intumbo. *Situação sociolinguística da Guiné-Bissau*. Disponível em: . Acesso em: 10 mar. 2017.

PRATAS, Fernanda. *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. *Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau*: a entonação do contorno neutro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

SCANTAMBURLO, Luigi. *Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense-português*. Bissau/ Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.